

3

Dogmatismo

A razão para sempre incorreremos tão terrivelmente no erro é que buscamos encontrar fora de nós o que está apenas em nosso interior.¹

Kant descreve o dogmatismo metaforicamente como um travesseiro no qual se pode adormecer, e como uma doença da razão de se isolar e se fechar em si mesma. E em uma reflexão entre 1776-78, descreve os filósofos escolásticos como piratas que, ao encontrarem uma praia desocupada, a primeira coisa que fariam seria nela construir um forte. Se por um lado é rigoroso na crítica à filosofia dogmática, é ao mesmo tempo igualmente rigoroso ao defender o procedimento dogmático em seu caráter naturalmente necessário para todo conhecimento.

3.1

A distinção entre Dogmatismo e Procedimento Dogmático

Dogmatismo é um termo abrangente e diz respeito tanto ao pensamento científico, à filosofia e à religião, quanto a uma atitude em relação ao conhecimento e à vida. Pode-se dizer que o dogmatismo pertence à racionalidade, e seria o método comum para conduzir as investigações dos fenômenos bem como as especulações sobre o que estaria para além ou por trás deles. Se for permissível afirmar que a razão é uma invenção histórica², contudo é complicado pensar em uma invenção do dogmatismo.

O dogmatismo em geral consiste em dois passos principais: [1] promover uma resposta a uma questão que surge estabelecendo um juízo e; [2] sustentar e aderir a esse juízo irrestritamente.

¹ Johann Caspar Lavater (1741-1801) Em: KANT, I. *Correspondence*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 150. Carta de Lavater a Kant, de 8 de Abril de 1774.

² CHÂTELET, F. *Uma História da razão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994, p. 15.

O primeiro passo pertence à estrutura do modo de conhecer e é tão intrínseco ao homem quanto à própria habilidade para pensar. Julgar é a atividade básica do entendimento e a primeira condição para o conhecimento de todo e qualquer fenômeno que possa aparecer. Esse *procedimento dogmático* é tão natural quanto é necessário, para o pensamento em geral e para todo o conhecimento humano. Como está inserido na natureza do modo de conhecer, é inevitável e impossível erradicar, e deve ser distinguido do *dogmatismo*.

O segundo passo consiste em defender que o procedimento dogmático pode ser usado irrestritamente, sem limites e sem nenhuma crítica às suas capacidades. É isto o que caracteriza o dogmatismo como uma doutrina, como um método exclusivo, como uma atitude cognitiva irrestrita - podendo aplicar-se tanto às coisas quanto à vida mesma – a qual generaliza e extrapola o procedimento dogmático próprio do entendimento humano.

O procedimento dogmático é uma necessidade que está inserida nas estruturas que constituem o entendimento, o pensamento, a linguagem. Já o dogmatismo se depreende a partir do uso do entendimento, do pensamento e da linguagem, e aproveita-se de sua estrutura para fins próprios. Deste modo, o dogmatismo pode ser considerado um vício da mente que está em germe na sua natureza.

Pode-se afirmar que o entendimento humano tem uma estrutura dogmática, no sentido de ter de proceder dogmaticamente, pois é discursivo e baseia-se no juízo, ao passo que o dogmatismo como emissão de juízos sem crítica é uma tendência, que, mesmo que possa estar em germe na natureza do modo de conhecer, não é legítima, e, pode-se acrescentar, nem essa tendência nem esse germe servem de respaldo para seus enganos.

Para Schopenhauer, a diferença fundamental entre a filosofia dogmática e a filosofia crítica repousa em que Kant torna em seu problema investigar os alicerces para as construções dogmáticas e buscar as suas causas, que residem na própria mente ³, ao passo que os dogmáticos procedem sem nenhuma autocrítica. KANT escreve:

O criticismo não se opõe ao *procedimento dogmático* da razão no seu conhecimento puro como ciência (pois a ciência deve sempre ser dogmática, isto é,

³ SCHOPENHAUER, A. O Mundo como Vontade e como Representação. São Paulo: Editora UNESP, 2005, p. 530 (I 499).

deve provar as suas conclusões estritamente *a priori* baseando-se em princípios seguros), opõe-se tão somente ao dogmatismo, isto é, à presunção de seguir por diante apenas com um conhecimento puro por conceitos (filosóficos) de acordo com princípios, os quais a razão vem usando há muito tempo sem primeiro investigar de qual modo e com que direito os obteve. O dogmatismo é, portanto, o procedimento dogmático da razão pura *sem uma crítica prévia da sua própria capacidade*.⁴

Para Kant, o procedimento dogmático é uma necessidade do conhecimento racional, sendo uma característica da cientificidade. A crítica se opõe ao seu uso sem reflexão, sem a investigação das suas capacidades e fronteiras e, assim, sem nenhuma garantia da sua legitimidade.

Na distinção entre o procedimento dogmático e o dogmatismo, Kant tem em mente, em especial, o caso da matemática. Kant reconhece a importância da matemática para o conhecimento em geral, e em particular para a razão pura, mas insiste que a filosofia não pode imitar o método da matemática – o que é feito, até Kant, sem nenhuma crítica da possibilidade dessa apropriação, e a crítica kantiana, então a acusa como ilegítima –, sendo duas ciências inteiramente diferentes. Kant escreve antes de 1768: “A matemática exhibe a maior dignidade da razão humana, a metafísica, entretanto, seus limites e sua verdadeira vocação.”⁵

Na *Crítica da Razão Pura*, Kant sustenta que as definições, os axiomas e as demonstrações em sentido matemático não são possíveis na filosofia.⁶ Entretanto, é justamente o que a filosofia dogmática tenta, mas não pode imitar da matemática, como fazem, em particular, Leibniz, Wolff e Mendelssohn⁷, seguindo uma tradição que remonta a Platão, o qual considerava que a filosofia se distingue da *doxa*, de somente afirmar opiniões, justamente por conter demonstrações infalíveis, ao modo dos geômetras.

No texto *Investigações sobre a clareza dos princípios da teologia natural e da moral* (1764), Kant apresenta uma visão clara sobre a distinção entre o conhecimento matemático e o filosófico. O primeiro possui um objeto incomparável, pois não é dado, mas é criado por ela – “(...) a matemática chega aos

⁴ KANT, I. *Critique of Pure Reason*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 119: B XXXV.

⁵ KANT, I. *Notes and Fragments*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 83. *Reflexão* 3717, Ak 17:262.

⁶ KANT, I. *Critique of Pure Reason*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, pp. 637-41 [A727-35 / B755-63].

⁷ SHABEL, L. “Kant’s Philosophy of Mathematics” Em: GUYER, P. (Ed.) *The Cambridge Companion to Kant and Modern Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. pp. 95-97.

seus conceitos sinteticamente”⁸ -, o que não acontece na filosofia, na qual “(...) o conceito de uma coisa é sempre dado, mesmo se confusamente ou de forma insuficientemente determinada”.⁹ Cabe à filosofia o exercício da análise, a partir de conceitos dados – não pode imitar a matemática em seu procedimento sintético *in concreto*.

No primeiro capítulo da Doutrina do Método da *Crítica da Razão Pura*, Kant investiga se o procedimento matemático, pelo qual se chega a certezas apodícticas nessa ciência, é equivalente ao método pelo qual se buscam essas mesmas certezas na filosofia, e se chama dogmático.

A visão madura que Kant apresenta na *Crítica da Razão Pura* da distinção entre o conhecimento matemático e o filosófico consiste em que o conhecimento matemático procede intuitivamente. A partir de intuições *a priori* - espaço e tempo-, o conhecimento matemático constrói conceitos, que estão fundamentados na sensibilidade humana. Ao passo que o conhecimento filosófico é discursivo, e consiste na análise de conceitos. A maior diferença entre a filosofia e a matemática, e o motivo principal pelo qual a filosofia não pode imitar o método desta reside em que o conhecimento filosófico é discursivo, e o matemático intuitivo.

Uma definição consiste em exibir exhaustivamente o conceito de uma coisa dentro de seus limites. A definição de um triângulo, por exemplo, é uma regra de construção apodíctica de todo e qualquer triângulo, ou seja, exhaustiva. As definições filosóficas, entretanto, não gozam de completude absoluta, mas consistem somente na exposição de um dado conceito. Estes podem sempre ser alargados, e carecem de uma definição exhaustiva para serem compreendidos, ao passo que definir um triângulo é equivalente a estabelecer a regra definitiva da sua construção.

Os axiomas são proposições sintéticas imediatamente certas, auto-evidentes. Os princípios da filosofia não são auto-evidentes, mas sempre requerem uma dedução, ao contrário dos axiomas matemáticos. Os conceitos matemáticos trazem uma síntese *a priori* a intuições puras, já um conceito não pode estar combinado

⁸ KANT, I. Inquiry concerning the distinctness of the principles of natural theology and morality. Em: KANT, I. *Theoretical Philosophy 1755-1770*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, p. 264: Ak 2: 291.

sinteticamente e ao mesmo tempo imediatamente a outro conceito, pois é preciso recorrer à experiência para conhecer a sua relação determinada, sendo impossível conhecer um princípio discursivo, filosófico, somente por conceitos.

Para Kant, somente uma prova apodictica *intuitiva* pode ser chamada de demonstração. O conhecimento filosófico, discursivo, precisa sempre recorrer a uma experiência *possível*, e não é nunca auto-evidente: “A experiência pode muito bem ensinar o que é, mas não que não possa ser de outro modo.”¹⁰ A matemática não deriva o seu conhecimento de conceitos, mas da sua construção, e desse modo chega ao universal *in concreto*, em uma intuição individual. A filosofia considera o universal *in abstracto*, através de conceitos. Somente a matemática contém demonstrações, a filosofia, apenas provas acroamáticas, discursivas, por meras palavras que representam o objeto no pensamento.

Os acroamas são proposições fundamentais (*Grundsätze*) que não são axiomáticas (como as da matemática), e sim discursivas. Nas palavras de KANT,

Um princípio intuitivo chama-se *axioma*. Não há uma palavra na filosofia para princípios discursivos, pois ninguém jamais fez a distinção entre princípios intuitivos e discursivos. Poder-se-ia chamá-lo de *acroama*, entretanto, uma proposição que pode ser expressa somente por palavras e através de conceitos universais puros. Um axioma, todavia, pode ser exibido somente pela intuição.¹¹

As definições, os axiomas e as demonstrações são específicos da matemática e, por conterem uma intuição, estão “acima” da linguagem. A definição de um triângulo, que consiste no seu método de construção, é axiomática, ou seja, é definitiva e independente da sua formulação. Ao passo que os acroamas, os princípios da filosofia, não passam de “meras palavras”, i.e., de conceitos, em vez de intuições como nas matemáticas, e estão sujeitos a adaptações, traduções, e a constante reformulação. Os acroamas são “princípios não analisáveis” no sentido de que são princípios não redutíveis a outros princípios mais fundamentais, embora em sua expressão “nada mais são do que palavras”. Segundo CAYGILL, os acroamas:

⁹ KANT, I. Inquiry concerning the distinctness of the principles of natural theology and morality. Em: KANT, I. *Theoretical Philosophy 1755-1770*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, p. 248: Ak 2: 276.

¹⁰ KANT, I. Critique of Pure Reason. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 641 [A734/B762].

¹¹ KANT, I. Lectures on Logic. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 382. The Hechsel Logic, 88.

(...) recebem a sua autoridade através de um processo discursivo de legitimação ou prova. Essa prova é realizada através da reelaboração de termos filosóficos tradicionais, tais como, no caso da primeira analogia, os de “substância e acidente”. Os *acroamas* estão abertos a constante desafio discursivo e são legitimados através da linguagem e da análise da linguagem.¹²

Ao contrário da matemática e da sua auto-evidência, os princípios filosóficos, os *acroamas*, recebem a sua legitimidade através de um processo discursivo, do debate, e são sempre questionados e enriquecidos pela sua comunicação. Se na filosofia não há *dogmata*, mas somente *acroamata*, um método exclusivamente dogmático, seja imitado da matemática, pretendendo ter definições, axiomas e demonstrações como as dessa ciência, seja qualquer de qualquer outro tipo, é inapropriado.¹³ “Não obstante,” KANT escreve:

o método pode ser sempre *sistemático*. Pois a própria razão (subjetivamente) é um sistema, porém em seu uso puro, por meio de simples conceitos, somente um sistema para a pesquisa de acordo com princípios de unidade, para os quais tão-só a *experiência* pode fornecer a matéria.¹⁴

A experiência é a referência necessária dos princípios filosóficos, e proceder sistematicamente significa investigar o domínio da experiência exaustivamente, onde não há conhecimentos deslocados ou desconectados, mas interligados na unidade da experiência e em um sistema heurístico da razão humana. Assim, o procedimento dogmático que Kant resguarda consiste, por um lado, em proceder *sistematicamente* sobre o modo de conhecer (como propedêutica necessária para a investigação da natureza), abrindo mão de provas auto-evidentes, sem crítica nem dedução, ou seja, de definições, axiomas e demonstrações em sentido matemático na filosofia, e, por outro lado, fazer a busca de unidade sistemática da razão pura se voltar para o domínio do entendimento, fazendo das idéias transcendentais um uso imanente em vez de transcendente, o que Kant chama de uso regulativo da razão pura.

Após distinguir o dogmatismo do procedimento dogmático, KANT esclarece que refutar o primeiro de forma nenhuma dá azo ao ceticismo:

¹² CAYGILL, H. Dicionário Kant. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000, p. 10.

¹³ KANT, I. Critique of Pure Reason. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, pp. 642-43 [A 737 / B 765].

¹⁴ KANT, I. Critique of Pure Reason. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 643 [A 738 / B 766].

(...) o criticismo é a atividade preparatória necessária para o avanço da metafísica como uma ciência bem fundada, que deve ser necessariamente dogmática, levada a cabo sistematicamente de acordo com as mais rigorosas exigências (...)¹⁵

O caminho proposto pela filosofia transcendental para a estrada real de uma metafísica da natureza é conhecer *sistematicamente* a espontaneidade da liberdade humana na experiência. A metafísica é possível somente como uma ciência da estrutura necessária da experiência e do conhecimento. Por um lado, consiste na ciência dos limites da razão humana e, por outro lado, na ciência da extensão legítima do entendimento, a aplicação dos seus princípios à experiência. Kant contribui nessa tarefa de autoconhecimento com a expressão dos seus princípios puros para a filosofia, os doze princípios do entendimento puro ou *acroamas*.

O dogmatismo não critica seus fundamentos, nem reconhece limites para as suas investigações. A filosofia crítica empreende ambas essas “rigorosas exigências”, e exhibe o conhecimento possível e legítimo não objetivo, mas sobre o próprio modo de conhecer, o qual é o seu resultado.

Em seus esforços transcendentais, a razão não pode olhar adiante tão confiadamente como se o caminho que percorreu levasse tão diretamente à sua meta, nem fiar-se tão veementemente nas premissas que o fundamenta como se fosse desnecessário para ela olhar para trás frequentemente e considerar se não há erros no progresso das suas inferências a serem descobertos que passaram despercebidos em seus princípios, e que tornam necessário ou determiná-los ainda mais ou alterá-los por inteiro.¹⁶

A contínua reformulação dos *acroamas* tem ainda a vantagem de manter em proximidade constante os princípios filosóficos, de modo a sempre se raciocinar sobre eles, em vez de estabelecê-los de uma vez por todas e mantê-los isolados nas bases de um sistema. Nesse sentido, pode-se afirmar que a discursividade, a comunicação é essencial à crítica, “olhar para trás” na filosofia não significa necessariamente um retrocesso, mas pode trazer novidades, alterações inteiras, e ainda, auxiliam o sujeito a nem enrijecer e nem esmorecer.

¹⁵ KANT, I. Critique of Pure Reason. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 119 [B XXXVI].

3.2

A tendência dogmática

A inclinação mais forte em relação ao conhecimento é para o dogmatismo. A tendência mais primitiva do homem é assentar verdades eternas e imutáveis, ou seja, o desejo de estar definitivamente na posse da verdade e, através da sua regularidade, dominar a natureza. O dogmatismo predomina nos homens tanto pela sua comodidade, quanto pela ignorância de si. Ambos, comodidade e auto-ignorância, recaem sobre o medo de se expor e a preguiça de investigar. Segundo KANT,

O dogmatismo é a maneira de pensar que está conectada a proposições sem crítica. (isto é, o exame dos princípios) A tendência mais natural da humanidade no tocante ao conhecimento é em direção ao dogmatismo: 1. Devido à preguiça, já que voltar aos princípios é mais difícil do que prosseguir à explicação dos princípios que já foram presumidos e estão em circulação. 2. Porque pela crítica o conhecimento não é expandido, mas somente tornado confiável. 3. Pelo medo de revelar a pobreza do nosso conhecimento para nós mesmos e para os outros.¹⁶

Essa passagem diz respeito tanto ao indivíduo quanto à humanidade. O dogmatismo é a tendência mais natural do homem. É a forma mais simples de saciar o entendimento humano e fazê-lo acreditar que chegou a uma certeza no seu conhecimento. A naturalidade do dogmatismo explica que seja a infância do conhecimento, mas, ao mesmo tempo, a comodidade que oferece faz do dogmatismo a atitude cognitiva mais predominante, sendo a que prevalece na humanidade e na vida dos homens.

Por um lado, o dogmatismo consiste na adesão irrestrita a princípios que são tidos como indiscutíveis. Assim, o dogmático é quem afirma uma verdade eterna e deseja mantê-la fora de discussão. Nesse sentido, um “dogma” é essencialmente um ultimato: ou é aceito ou então se está alienado da verdade inquestionável. Paralisa o raciocínio pelo medo, e estanca o pensamento por preguiça. Pode-se pensar que o dogmatismo, paradoxalmente, é uma ameaça à razão que lhe oferece refúgio, e a imposição de uma escravidão que promete a libertação. Segundo

¹⁶ KANT, I. Critique of Pure Reason. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, pp. 641-42 [A 735 / B 763].

¹⁷ KANT, I. Notes and Fragments, Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 276. Ak 18: 294. Reflexão de 1785.

KANT, “O *dogmatismo* é um travesseiro para nele adormecer, e põe um termo a toda vitalidade, a qual é precisamente o benefício conferido pela filosofia.”¹⁸

Por outro lado, todo dogmatismo visa afirmar um sistema de princípios apodícticos. Nesse sentido, o dogmatismo é uma radicalização – porém ilegítima – da busca de objetividade que acompanha o pensamento desde o seu início, e está fundado no procedimento dogmático do conhecimento, que consiste em sempre proceder sistematicamente na busca por princípios cada vez mais gerais. Para KANT, “Se alguém deseja estender o seu conhecimento racional através de meros conceitos, e daí nenhuma crítica prossegue, então é um dogmatista”.¹⁹

O procedimento sistemático é um método investigativo que é exigido pela própria natureza humana, que não deseja deixar nada incompleto. Já o dogmatismo consiste em dele lançar mão sem se preocupar com a crítica às suas capacidades e os limites da sua legitimidade. Todavia, a diferença entre o dogmatismo e a crítica não se reduz somente à observação dos limites do procedimento sistemático e do entendimento humano. É, sobretudo, a investigação do modo de conhecer e a sua relação com a tendência dogmática do homem que caracteriza a filosofia crítica.

Pode-se pensar que a natureza do entendimento é na verdade avessa ao dogmatismo, sendo a sua marca o exame e a investigação, e não só afirmar juízos dogmaticamente. Se o entendimento é inclinado a investigar, contudo, deve para isso superar inclinações mais fortes, que o levam em direção ao dogmatismo, devido tanto ao resultado esperado da sua investigação, que impele a uma decisão, quanto à preguiça e ao medo do homem, que o mantêm na menoridade e na ausência de crítica. De acordo com KANT,

O espírito dogmático na filosofia é a linguagem orgulhosa do ignorante, que gosta de tudo decidir e não gosta de investigar nada absolutamente. Ao passo que o nosso entendimento é bastante inclinado a examinar tudo e a investigar precisamente antes de aceitar e manter qualquer coisa, e a olhar bem à sua volta sem rejeitar cegamente algo que ocorre a nós.²⁰

O entendimento é destinado a pensar e a examinar, não a ser simplesmente assertivo. O dogmatismo caracteriza antes um abuso do entendimento do que o seu

¹⁸ KANT, I. “Proclamation of the Imminent Conclusion of a Treaty of Perpetual Peace in Philosophy”. Em: *Theoretical Philosophy After 1781*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p 454. AK 8:415.

¹⁹ KANT, I. *Lectures on Logic*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 479. Dohna - Wundlacken Logic, Ak 745.

uso conseqüente. O uso conseqüente do entendimento não pode ser desvencilhado da crítica. Entretanto, KANT escreve:

A natureza humana na verdade é bem mais inclinada para decidir do que sempre examinar, e para estabelecer a sempre investigar. Porque não estamos satisfeitos quando temos de deixar algo incompleto, especialmente no nosso conhecimento, mas em vez disso queremos estabelecer tudo, para no caso da necessidade surgir podermos recorrer a um conhecimento seguro e completamente certo.

O nosso entendimento é na verdade mais satisfeito com a decisão.²⁰

Pode-se dizer que há um conflito no entendimento humano entre a decisão e a investigação. A natureza humana é inclinada a decidir tudo definitivamente e a obter a segurança de um conhecimento completamente certo e confiável, e a decisão prevalece quando se apresentam limites à investigação. Entretanto, o espírito dogmático na filosofia não corresponde à essência do entendimento humano. Segundo KANT,

Os métodos escolásticos e doutrinários comuns de filosofia tornam a pessoa burra, porquanto operam com uma completude mecânica. Eles estreitam o entendimento e o torna incapaz de aceitar instrução. Em contraste, a crítica alarga os conceitos e deixa a razão livre. Os filósofos escolásticos operam como piratas que assim que chegam a uma costa desocupada a fortificam.²¹

Os dogmáticos desejam ocupar o espaço vazio entre esse conflito, de modo que o homem não precise se preocupar nem em investigar, nem decidir nada por si mesmo. Dessa maneira estreitam o entendimento e o torna incapaz de pensar por si próprio. A escola dogmática da filosofia aproveita-se da tendência dogmática da humanidade e diminui as suas possibilidades, assim, o homem nem sequer chega a enfrentar o conflito de forças em que pensar por si mesmo consiste. HUME escreve:

A maior parte da humanidade é disposta naturalmente a ser afirmativa e dogmática nas suas opiniões, e enquanto as pessoas vêem os objetos somente por um lado, e não têm idéia de nenhum argumento de contrapeso, elas se lançam precipitadamente aos princípios aos quais são inclinadas, nem têm elas nenhuma indulgência com aqueles que têm sentimentos opostos. (...) Mas pudessem tais pensadores dogmáticos tornar-se sensíveis às estranhas enfermidades do entendimento humano, mesmo no seu mais perfeito estado, e quando mais preciso e cauteloso em suas determinações; essa reflexão iria naturalmente inspirar-lhes mais

²⁰ KANT, I. Lectures on Logic. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 163. The Blomberg Logic, 206.

²¹ KANT, I. Lectures on Logic. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 167. The Blomberg Logic, 212.

²² KANT, I. Notes and Fragments, Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p.211. Reflexão 5089, de 1776-78.

modéstia e reserva, e diminuiria a sua opinião apaixonada de si mesmos, e o seu preconceito contra seus antagonistas.²³

Ancorado na atitude dogmática, o homem é capaz de nutrir um apreço desmedido por si mesmo e um desprezo infundado pelos outros. Ambos se fundam em sua ignorância de si. Este estado é capaz de ser perpetuado tanto pelo dogmatismo ingênuo, do entendimento comum, quanto pelo dogmatismo metafísico.

É comum na infância da filosofia a crença irrestrita na razão e a suposição de que a sua luz da razão seja semelhante ou igual ao entendimento divino. No modelo da metafísica dogmática, apenas por uma longa e duradoura meditação a verdade seria enviada diretamente por Deus e revelada através da razão. Dessa forma, a competência filosófica diria respeito mais à maturação das opiniões e menos à investigação. A meditação e a especulação, como no caso de Descartes [em seu *ócio seguro num retiro solitário*] e Leibniz [*tendo meditado há muito tempo sobre o mesmo assunto*]²⁴, seriam mais importantes que a discussão das idéias e o diálogo pautado por experimentos e observações. KANT afirma: “O primeiro passo nos assuntos da razão pura, o qual caracteriza a sua infância, é *dogmático*”²⁵, e escreve:

Wolff fez grandes coisas na filosofia, mas foi precipitado e estendeu o conhecimento sem assegurá-lo, alterá-lo e reformá-lo através de uma crítica especial. Seus trabalhos são, portanto, muito úteis como uma revista para a razão, mas não como uma arquitetura para ela. Talvez esteja de acordo com a ordem da natureza, porém certamente para não ser aprovado em Wolff, que ao menos as experiências do entendimento devem primeiramente se multiplicar sem um método correto para o conhecimento, e serem sujeitas a regras somente depois. Crianças.²⁶

O dogmatismo é considerado como a infância da razão segundo o critério do autoconhecimento, que é a base kantiana para interpretar a verdade em toda a história da filosofia. O dogmatismo transcendente está tão distante do autoconhecimento que Kant o enxerga como um jogo infantil dos elementos do

²³ HUME, D. *An Enquiry Concerning Human Understanding*. The Great Books Vol. 35. Chicago: The University of Chicago, 1952, p. 508.

²⁴ LEIBNIZ. *Novos Ensaios sobre o Entendimento Humano*. São Paulo: Editora Abril Cultural [col. Os Pensadores], 1980, p. 7. DESCARTES. *Meditações Metafísicas*. Coimbra: Livraria Almedina Coimbra, 1988, p.106.

²⁵ KANT, I. *Critique of Pure Reason*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 654: A 761 / B 789.

²⁶ KANT, I. *Notes and Fragments*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 207. Reflexão 5035, de 1776-78, Ak 18:68.

conhecimento humano, despreocupado, vaidoso e arrogante. É nesse contexto que Kant entende como o dogmatismo pode ser aproveitado, pois lança mão da estrutura do modo de conhecer em tentativas ingênuas, como uma experimentação da razão sem nenhuma pauta ou plano prévio, e por isso mesmo pode conter coisas interessantes. Comte e Kuhn vêem o dogmatismo como o estado normal da inteligência humana, e o ceticismo como um momento de crise, um estado suspensivo no qual o sujeito é chamado a mudar de doutrinas. Esse dinamismo é somente relativo e, na verdade, uma maneira ainda rígida de pensar a relação de ceticismo e dogmatismo. Sem dúvida, o dogmatismo é o estado normal da consciência, não somente a infância do pensamento. Não desaparece após uma conversão da inteligência ou da filosofia.

Mais costumeiro que o exame cético do conflito que o dogmatismo acarreta, é a simples suspensão, sem reflexão, que não caracteriza uma atitude cética, mas somente uma pausa no dogmatismo, um repouso. Esse uso mais comum e cotidiano da suspensão, que é ocasionada mais pela confusão e menos pela investigação, não leva a uma mudança de doutrinas, mas caracteriza uma crise irrelevante, mediante a dúvida entre os extremos do conflito, mas não a descrença cética em ambos.

Pode-se pensar que apesar de o estado normal da inteligência ser o dogmatismo, a ausência de crítica, é a atitude crítica que melhor caracteriza o pensamento em sua totalidade. Mesmo que para se chegar a essa atitude seja necessária a reflexão e o autoconhecimento, é ela que representa melhor a natureza da razão, sendo a mais capaz de abarcar e lidar com a sua totalidade e compreender a sua unidade.

3.3

Esclarecimento (*Aufklärung*)

O Esclarecimento é a saída para a autonomia, para emancipar-se de uma relação de tutela, na qual não é necessário fazer uso do próprio entendimento. No texto *Resposta à Pergunta: Que é o Esclarecimento?* (1783), KANT escreve:

Esclarecimento [*Aufklärung*] é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso do próprio entendimento sem a direção de outro indivíduo.²⁷

Pensar por si mesmo é o lema do Esclarecimento. O mote *Sapere Aude!* – ouse, tenha a audácia de conhecer! –, encontra em seu caminho o medo e a preguiça do homem para *servir-se de si mesmo sem a direção de outrem*²⁸. O próprio homem é o culpado por perpetuar-se no estado de menoridade, quando essa não se deve à falta de entendimento, mas ao medo e à preguiça de usá-lo por si mesmo. No seu primeiro opúsculo, *Idéias para uma Verdadeira Avaliação das Forças Vivas* (1747), Kant insere esta passagem de Sêneca como o seu lema: “Não há nada mais importante de que não devemos seguir como ovelhas a manada que vai à frente, indo não aonde devemos, mas onde a manada vai.”²⁹ KANT escreve:

É tão cômodo ser menor. Se tenho um livro que faz as vezes do meu entendimento, um diretor espiritual que por mim tem consciência, um método que por mim decide a respeito de minha dieta, etc., então não preciso esforçar-me eu mesmo. Não tenho necessidade de pensar, quando posso simplesmente pagar; outros se encarregarão em meu lugar dos negócios desagradáveis.³⁰

O Esclarecimento tem no seu caminho o dogmatismo como a tendência mais forte do conhecimento. Nesse sentido, tem uma relação fundamental com a cultura. Pensar por si mesmo requer ser capaz de criticar a própria cultura, pela qual os dogmas, sejam da religião, sejam de outras tradições, são primeiramente transmitidos e aceitos. Isso não significa que a cultura mantém o homem na

²⁷ KANT, I. “Resposta à Pergunta: Que é o Esclarecimento?”. Em: *Textos Seletos*. Petrópolis: Editora Vozes, 2005, p. 63.

²⁸ KANT, I. “Resposta à Pergunta: Que é o Esclarecimento?”. Em: *Textos Seletos*. Petrópolis: Editora Vozes, 2005, p. 63.

²⁹ CASSIRER, E. *Kant's Life and Thought*. New Haven: Yale University Press, 1981, p. 32.

³⁰ KANT, I. “Resposta à Pergunta: Que é o Esclarecimento?”. Em: *Textos Seletos*. Petrópolis: Editora Vozes, 2005, p.64.

menoridade. Mas como propõe uma determinada maneira de pensar, é um respaldo para a atitude dogmática, a qual se fia, na maioria das vezes, no conteúdo da cultura dada, no que é “meramente transmitido”.

Ao analisar o texto *Sonhos de um Visionário* (1766), no qual Kant ataca as artes do oculto do sueco Emanuel Swedenborg, ADORNO o descreve como sendo “aberta e explicitamente” adepto ao Esclarecimento, em especial, porque nele:

(...) a tarefa da razão, cuja existência como parte de nossa constituição natural é vista essencialmente como positiva, é livrar-se de todo dogma, ilusão e conhecimento que foi meramente transmitido.³¹

Dessa forma, o esclarecimento tem uma tendência crítica, e a filosofia crítica está diretamente ligada a uma tarefa de esclarecimento. Entretanto, o “espírito” do esclarecimento não leva à crítica, não a contém necessariamente. É com a crítica, devido à sua função negativa, que o Esclarecimento recebe um fundamento sólido e o seu conceito é alargado – não deve lutar meramente contra a superstição e a tradição, mas estar alerta para as contradições da própria razão, mesmo em seu uso “esclarecido”.

A compreensão crítica do Esclarecimento consiste em combater o dogmatismo ingênuo bem como o racionalismo dogmático, que é apenas outro modo de viabilizar a tendência dogmática do conhecimento, embora entenda a si mesmo como “científico”, apesar de não criticar a si mesmo e permanecer com uma crença ingênua, não no mito, na superstição ou na tradição, mas na própria razão.

Portanto, com a autocrítica da razão o Esclarecimento pode compreender a si mesmo como uma saída para a negatividade, ou seja, sair da menoridade implica em uma tarefa a partir da própria autonomia: não é tão-somente rechaçar a tradição e a superstição, mas sim disciplinar a própria razão em sua tendência dialética, contraditória, e dogmática. O esclarecimento consiste em fazer uso do próprio entendimento, em pensar por si mesmo, mas também pensar *a* si mesmo. Ambos os exercícios não podem ser separados, e requerem a atenção para as fronteiras do conhecimento e para as contradições resultantes do abandono do domínio da experiência.

O entendimento humano comum (*sensus communis*) é também em si mesmo uma pedra de toque para se descobrir os erros do uso *artificial* do entendimento. Isso é o que significa *orientar* a si mesmo *no pensamento* ou no uso especulativo da razão por meio do entendimento comum, quando se faz uso do entendimento *comum* como um teste para se ajuizar sobre a correção do uso *especulativo*.³²

O entendimento humano “comum”, ao fazer uso de si mesmo, pode orientar-se no pensamento tendo a si próprio como a pedra de toque da legitimidade dos seus usos para além da experiência possível. Pode-se afirmar que é, sobretudo, pela autoreflexão que se chega a sair da menoridade, através de pensar conjuntamente por e a si mesmo; não é por conhecer ou especular sobre uma variedade de coisas que se torna “esclarecido”.

No final do texto *Resposta à Pergunta: Que é o Esclarecimento?* Kant assinala as contradições, no tocante ao público, do Esclarecimento. Quanto mais é “dada” a liberdade, tanto mais é contraditória a prática do Esclarecimento. Isso significa que a liberdade irrestrita, sem disciplina, trai a si própria. É preciso orientar a si próprio no pensamento quando se goza de liberdade, quando não há um tutor que faça as vezes do seu entendimento.

Desse modo, tanto o Esclarecimento, sem uma direção segura, quanto a razão, sem a compreensão de si mesma, podem se tornar maléficos, pois podem se voltar contra as suas próprias intenções. Para ADORNO:

Por um lado, a razão é sujeita ao criticismo inteiramente no espírito do Esclarecimento e Kant dispõe de uma hoste inteira, de fato toda a panóplia, de argumentos céticos contra a transformação dogmática da razão em um absoluto. Ao mesmo tempo, entretanto, porque a razão está criticando a si mesma, ele retém a *idéia* de razão e, com ela, a *idéia* de verdade objetiva. Vemos em Kant uma hesitação, uma inconsistência, por assim dizer, uma desinclinação a simplesmente seguir o caminho suave do progresso. Eu detecto nisso uma particular deliberação e consciência que sinto ser o sinal de uma seriedade extraordinária. Quer dizer, o movimento do Esclarecimento pode chegar à sua realização somente se o seu próprio significado, ou seja, a *idéia* de verdade, for mantida; e se, no meio do movimento dialético ao qual estes conceitos estão sujeitos, os conceitos sobrevivam. Este *insight* glorioso está presente em Kant.³³

Dessa maneira, a *idéia* de verdade tem de se basear na razão e ao mesmo tempo proteger-se de seus devaneios. A razão não pode se tornar em algo absoluto. Para que o Esclarecimento seja assegurada, é preciso que a “*idéia* de verdade” seja

³¹ ADORNO, T. W. *Kant's Critique of Pure Reason*. Stanford: Stanford University Press, 2001, pp. 57-58.

³² KANT, I. *Lectures on Logic*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 563: *The Jäsche Logic*, 57.

“mantida”, e, pode-se acrescentar ainda, que a razão e o Esclarecimento lutem e critiquem a si mesmos.

O Esclarecimento tem como ponto de partida o dogmatismo inerente ao homem como tendência primeira e mais forte, que o leva a adotar uma postura dogmática tanto para o mundo como para si mesmo. Esse dogmatismo postula pra o mundo bem como para si próprio uma essência, uma existência real em si mesma, que subsiste independentemente da crítica, das capacidades de conhecê-la, das possibilidades de determiná-la. Para que o Esclarecimento seja uma força viva, efetiva no homem e na realidade, ao contrário da crença de que ele ou a razão por si só possam “seguir o caminho suave do progresso”, é necessário que esse ponto de partida seja continuamente observado. Ao manter-se atento à indelével tendência dogmática, em vez de limitar-se a uma função vigilante, a razão e o Esclarecimento podem dela retirar a sua força, cogitando novas maneiras de pensar e libertando a consciência das mesmas correntes que a aprisionam a refletir sobre o existente de uma mesma maneira.

³³ ADORNO, T. W. *Kant's Critique of Pure Reason*. Stanford: Stanford University Press, 2001, p. 120.

3.4

Dogmatismo, Religião e Diálogo

A liberdade de pensamento implica uma responsabilidade. Da mesma maneira que, por um lado, se é livre para pensar, por outro lado, pensar por si mesmo é um dever, não somente um mandamento moral, mas para se realizar como ser humano e desenvolver todas as suas potencialidades. O dogmatismo isenta o indivíduo dos seus próprios raciocínios e conclusões, como se estes fossem somente recebidos diretamente por um poder maior. Na religião, a responsabilidade dos dogmas não recai em quem os formulou ou em quem os segue, pois seriam perfeitos em si mesmos e infalíveis. Kant define o dogma como uma proposição teórica que é válida em si mesma e objetivamente.³⁴ Compare com esta afirmação:

O dogma é uma definição clara e precisa de uma verdade revelada por Deus. Não é nenhuma invenção da Igreja, mas simplesmente a formulação inequívoca de verdades, para que os fiéis saibam com certeza no que se deve crer.³⁵

Kant é um defensor convicto da liberdade de pensamento. Além de sustentar a necessidade do direito de pensar e se manifestar livremente, o ideal de autonomia lhe é muito caro. A autonomia consiste na capacidade de formular e de agir por máximas, retiradas do raciocínio de cada um e justificáveis também pela própria razão. Da mesma maneira que é preciso pensar por si mesmo, e por si mesmo se eximir do jugo da menoridade, a própria razão humana gozaria de uma autonomia, ou seja, nela e por si mesma seria capaz de justificar e legitimar a idéia de liberdade e de moralidade. Para KANT:

O suplemento indispensável para a razão é algo que, apesar de não ser parte da filosofia especulativa, reside na razão mesma, algo a que podemos dar um nome (como a liberdade, um poder suprasensível de causalidade em nós), mas não podemos alcançar e agarrar (...) Pode-se admitir que se o evangelho não tivesse nos instruído previamente nas leis morais universais em sua total pureza, a nossa razão ainda não as teria descoberto tão completamente; ainda, uma vez que estamos na

³⁴ KANT, I. "The End of All Things". Em: KANT, I. *Religion and Rational Theology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 223, Ak 8:329.

³⁵ <http://www.montfort.org.br/index.php?secao=cartas&subsecao=doutrina&artigo=20050421143414&lang=bra> Acesso em 15 de Novembro de 2007.

posse delas, podemos convencer qualquer um sobre a sua correção e validade usando somente a razão.³⁶

A razão seria suficiente em si mesma. Embora não reúna o todo em seu interior, o que ela possui basta para decidir sobre todas as coisas. Para JASPERS:

Ao interpretar a concepção, imagens e dogmas Bíblicos “nos limites da simples razão”, Kant reconhece que há, nos confins da razão, um reino do imperscrutável e misterioso. Mas o imperscrutável não é o irracional, é algo que a razão experiencia como o limite da razão e traz para a luz da razão. (...) O entendimento com a sua reflexão lógica age como um juiz sobre figuras míticas e dogmáticas, mas a razão como um todo é a área na qual elas operam e são testadas eticamente pela essência dos homens racionais que vivem por elas. A fé é esperança quando a razão invade o imperscrutável, porém é uma fé baseada na própria razão, mas não em nenhuma garantia exterior. A razão alcança, não o ser em si mesmo, mas o ser enquanto torna-se acessível a uma criatura finita na sua razão. Portanto, em Kant (...) a religião não é uma fonte independente.³⁷

A religião não é uma fonte independente para conduzir a ação dos homens. A moralidade é independente da crença religiosa. Cada um deveria ser capaz de buscar em si mesmo a razão para as suas ações e ponderar a moralidade delas. Segundo KANT:

(...) Ao passo em que o dogma requer erudição histórica, a razão por si só é suficiente para a fé religiosa. A razão, de fato, alega interpretar o dogma, enquanto é o veículo da fé religiosa. Mas já que o valor do dogma é somente o de um meio para a religião como o seu fim último, pode esta alegação ser mais legítima? E pode haver um princípio maior que a razão para resolver argumentos sobre a verdade?³⁸

É a lei moral que habita na razão de todos os homens que deveria servir de orientação para a prática, não os dogmas da igreja, mesmo se se crer que venham diretamente da palavra de Deus. Nas palavras de KANT:

Eu distingo entre os *ensinamentos* de Cristo e o *relato* que temos desses ensinamentos. Para que os últimos possam ser vistos em toda a sua pureza, Eu busco, sobretudo, separar os ensinamentos morais de todos os Dogmas do Novo Testamento. Esses ensinamentos morais constituem certamente a doutrina fundamental dos Evangelhos, e o restante pode servir tão-somente de auxiliares a eles. Dogmas nos dizem somente o que Deus fez para nos ajudar a ver a nossa fragilidade em buscar justificação antes dele, ao passo que a lei moral nos diz o que devemos fazer para sermos dignos de justificação.³⁹

³⁶ KANT, I. Correspondence. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p.319 / Ak 11:76. Carta de Kant a Jacobi, de 30 de Agosto de 1789.

³⁷ JASPERS, K. Kant. San Diego: Harcourt Brace & Company, 1962, p. 86.

³⁸ KANT, I. The Conflict of the Faculties Em: Kant, I *Religion and Rational Theology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p.269, Ak 7:45.

³⁹ KANT, I. Correspondence. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 152. Carta de Kant a Lavater, de 28 de Abril de 1775.

Apesar de salientar esta autonomia da razão, a exteriorização das idéias no discurso e na conversação é imperativa para o bom uso da razão e para mantê-la ativa e saudável. A crença é privada, a crítica é pública. As capacidades intrínsecas da razão não a levam ao solipsismo, pelo contrário, constituem o ponto de partida de uma razão comunicativa. Como afirma KANT no texto *O que Significa Orientar-se pelo Pensamento?* (1786):

À liberdade de pensar contrapõe-se, *em primeiro lugar*, a *coação civil*. Sem dúvida, há quem diga: a liberdade de *falar* ou *escrever* pode-nos ser tirada por um poder superior, mas não a liberdade de *pensar*. Mas quanto e com que correção *pensaríamos* nós se, por assim dizer, não pensássemos em comunhão com os outros, a quem comunicamos nossos pensamentos e eles nos *comunicam* os seus! Por conseguinte, pode muito bem dizer-se que o poder exterior, que arrebatava aos homens a liberdade de *comunicar* publicamente os seus pensamentos, lhes rouba também a liberdade de *pensar* (...) ⁴⁰.

JASPERS afirma: “A liberdade de comunicação é indispensável para a liberdade de pensamento.” ⁴¹. Pode-se afirmar que a maior dissensão de Kant em relação ao dogmatismo diz respeito ao diálogo. A crença em princípios irretorquíveis é uma ameaça à liberdade do pensamento e ao direito de falar por si próprio. O dogmatismo é avesso ao diálogo: possuem naturezas contrárias que se excluem mutuamente; ao passo que o raciocínio e a comunicação promovem um ao outro reciprocamente.

A responsabilidade de liberdade de pensar consiste em tornar os pensamentos passíveis de serem comunicados, isto é, de buscar a verdade. Em nenhum dos raciocínios da metafísica dogmática há comunicação, mas somente um monólogo solipsista. Pode-se dizer que a maior dissensão de Kant com a metafísica transcendente não é somente a saída do domínio da experiência possível, mas inclusive a ausência, inclusive a impossibilidade de diálogo que daí resulta.

Na *Crítica da Razão Pura*, Kant faz a distinção entre ter uma opinião, crer e conhecer. O conhecimento é o único possível de ser comunicado, sendo válido tanto subjetiva quanto objetivamente, ao passo que quem tem uma opinião sabe que ela é insuficiente, tanto em seu caráter objetivo quanto subjetivo, e a crença é válida somente subjetivamente. ⁴² O pensador dogmático não tem esse

⁴⁰ KANT, I. “O que Significa Orientar-se pelo Pensamento?” Em: *A Paz Perpétua e Outros Opúsculos*. Lisboa: Edições 70, 1988, p. 52. A 325.

⁴¹ JASPERS, K. Kant. San Diego: Harcourt Brace & Company, 1962, p. 125.

⁴² KANT, I. *Critique of Pure Reason*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 686 [A 832 / B 851].

discernimento, mas quer fazer valer as suas crenças e opiniões como conhecimento, inclusive para si mesmo. Desse modo, a comunicação torna-se um perigo para ele, que ameaça tornar patente a sua ignorância e ter que questionar a si próprio. Segundo KUEHN,

A única coisa que talvez não fosse típica da vida de Kant é o grande papel que socializar com seus amigos desempenhava nela. Kant era uma pessoa muito gregária e sociável – não tanto a figura solitária, isolada, e algo cômica que muitos vieram a enxergar nele. O diálogo era mais importante para ele do que muitas pessoas hoje querem admitir. A sua filosofia crítica é uma expressão dessa forma de vida, e faz sentido primeiramente no contexto dessa forma de vida. Aquilo que Kant “destruiu”, ou desejava destruir, em sua *Crítica* eram os monstros que impediam essa forma de vida. Ela nasceu do diálogo, algo que a grande função que a “dialética” desempenha nela já deveria ter tornado mais do que claro. Desse modo, a *Crítica* pode ainda ser vista como uma tentativa de mostrar porque diferentes posições em uma conversação não devem ser admitidas dogmaticamente para apresentar a única verdade, e porque todos os participantes da conversação da humanidade devem ser assegurados um direito de manifestar-se igual.⁴³

De acordo com Kuehn, a própria *Crítica da razão Pura* nasce do diálogo, e nela o diálogo, a contraposição de idéias, pela qual unicamente é possível surgir uma perspectiva mais abrangente, lhe é vital. Em contrapartida, princípios irreplicáveis encerram o diálogo aberto, a discussão livre. O dogmático não aceita realmente o debate, e costuma nutrir pouco respeito ou tolerância para com os seus adversários, embora um dogma sempre suscite controvérsias. O dogma mantém os lados opostos de um conflito em isolamento. Assim, não há concessões ou nenhuma troca. O conflito em torno de um dogma se perpetua cristalizado, marcado pela recíproca intolerância e, por assim dizer, pára no tempo. Para KANT,

A sociedade é o verdadeiro tempero da vida, e faz a pessoa dignificada útil; e quando os instruídos não conseguem conversar, isso é o resultado da sua assiduidade, ou do desprezo da sociedade. Este é fundado na falta de conhecimento do mundo e do valor da erudição. O erudito deve ser capaz de conversar com todas as classes porque está fora de todas as classes...⁴⁴

O alcance fraco dos pensamentos indica a limitação de uma mente estreita. Kant nunca viajou, senão quando foi preceptor em Judtschen, próxima a Königsberg⁴⁵, cidade portuária que recebia muitos estrangeiros. Entretanto, era afeito à conversação, sendo requisitado socialmente. O intelectual que não alcança

⁴³ KUEHN, M. Kant: A Biography. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p. 273.

⁴⁴ KUEHN, M. Kant: A Biography. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p. 131. Ak 27: I.

⁴⁵ KUEHN, M. Kant: A Biography. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p. 96.

a publicidade das suas teorias e não conversa com ninguém está alienado do mundo, e dessa maneira, alienado de si mesmo. Desse modo isolado em si mesmo, não é possível crescer, e assim é o isolamento que cresce cada vez mais. KANT escreve:

Você sabe muito bem que sou inclinado não somente a tentar refutar críticas inteligentes, mas que eu sempre as entrelaço junto aos meus próprios juízos e lhes concedo o direito de derrubar todas as minhas dantes preciosas opiniões. Eu espero desse modo que eu possa chegar a uma perspectiva abrangente, ao ver os meus juízos do ponto-de-vista dos outros, para que assim uma terceira perspectiva possa emergir, superior às minhas anteriores.⁴⁶

Através do diálogo é possível fortalecer os seus argumentos, incluindo o ponto de vista de outros em seus raciocínios. A comunicação não somente caracteriza o conhecimento e a sociabilidade do homem, como a sua própria natureza. Para KANT:

(...) *humanidade* significa de um lado o universal *sentimento de participação* e, de outro, a faculdade de poder *comunicar-se* íntima e universalmente: estas propriedades coligadas constituem a sociabilidade conveniente à humanidade.⁴⁷

Desse modo, o dogmatismo pode se opôr a poderes tão fundamentais quanto o conhecimento e a sociabilidade, sendo a sua rispidez de pensamento capaz de afrontar o modo de ser humano. Segundo JASPERS:

A publicidade é crucial para a vida da comunidade, por que a comunicabilidade e a comunicação irrestrita são a essência da razão. A filosofia entende e engendra a vontade de comunicar. Sem o ar da comunicação a razão é abafada.

A comunicabilidade é essencial para todas as formas de razão. Conceitos são comunicáveis, sentimentos não são. (...)

Somente através da comunicação a razão pode ser ampliada e verificada. A comunicação é a condição indispensável da humanidade. A humanidade consiste na “comunicabilidade”. Ao observar a função do gosto na cultura social, Kant declara que “sentimentos são valorados somente na medida em que possam ser comunicados para todos; então, mesmo que o prazer possa ser inconsiderável, a Idéia da sua comunicabilidade universal aumenta o seu valor quase para além de medida”.⁴⁸

A filosofia não tem como finalidade tão-somente estabelecer juízos irretorquíveis, mas o seu ideal é a formulação de juízos que possam ser comunicados, e dessa forma comprovados ou refutados na prática. Deve visar

⁴⁶ KANT, I. Correspondence. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 126. Carta de Kant a Marcus Herz, de 7 de Junho de 1771. Ak 10:122.

⁴⁷ KANT, I. Crítica da Faculdade do Juízo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002, pp. 199-200, A 262, Ak 5:355.

estimular o debate produtivo, o diálogo. É através deste que a comunidade e a individualidade das idéias são afirmadas e encontram o seu sentido. Segundo KANT (em suas palestras de antropologia),

(...) uma conversação, de acordo com essa perspectiva, tem três partes; uma narrativa ou estória, uma discussão, e pilhéria. A conversação começa com alguém contando uma estória, que é então discutida.⁴⁹

Enquanto o diálogo aproxima as pessoas, quase sempre de forma irreverente, o dogmatismo as isola. A crença em dogmas infalíveis pode reunir as pessoas somente de forma impessoal. Se todos ocupam um mesmo espaço e um mesmo horário, contudo, estão todos fechados em si mesmos, só havendo clima para um diálogo impessoal e trivial. Desse modo, KANT afirma:

Os pietistas tornam a idéia da religião dominante em toda conversação e discurso, enquanto pode ser concluído do seu comportamento comum que esta idéia perdeu o sentido de novidade, elas são nada senão fofoca.⁵⁰

Desse modo, o egocentrismo está seguro no dogmatismo, no qual todos os erros, imprecisões e preconceitos estão a salvo da crítica. Kant aponta para a reflexão como a prevenção contra uma doença racional do homem de, insulado, sem perceber a si mesmo, seguir cegamente à tendência de buscar uma resposta, para além da experiência e da percepção, para o que lhe afeta na sua existência sensível. Por conseguinte, o homem é capaz de se sentir à vontade na aporia de, fiando-se em si mesmo, manter-se à sombra dos seus enganos.

O dogmatista não se esforça nem para pensar diferentemente do que pensa, nem para pensar por si mesmo, quando isso exige remontar aos seus princípios ou tomar distância de si mesmo, para se ver por inteiro. Assim, não questiona o seu próprio entendimento, nem o seu conteúdo, o que pertence a ele mesmo, nem a sua extensão permissível, as suas capacidade e limites. Pelo contrário, é como se os seus pensamentos fossem em voz alta, e todos os seus juízos e raciocínios se transformassem em princípios inquestionáveis. É, assim, tão arrogante quanto sentencioso. Somente afirma princípios inventados, guiados mais pela *imaginação* do que pela observação ou investigação, sem questioná-los. Inclusive o empirista,

⁴⁸ JASPERS, K. Kant. San Diego: Harcourt Brace & Company, 1962, p. 125.

⁴⁹ KUEHN, M. Kant: A Biography. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p. 157.

⁵⁰ KUEHN, M. Kant: A Biography. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p. 131.

após crer ter perscrutado suficientemente o domínio da experiência, acredita ser capaz de, nas palavras de KANT:

(...) passar para o domínio da razão idealizante e conceitos transcendentais, onde não há necessidade subsequente de fazer observações e investigar de acordo com as leis da natureza, mas ao contrário só de *pensar* e *inventar*, seguro de que não poderá jamais ser refutado pelos fatos da natureza porque não está mais limitado pelo seu testemunho, mas pode passar direto por eles, ou até mesmo subordiná-los a um ponto de vista superior, nomeadamente ao da razão pura.⁵¹

Ao abandonar o domínio da natureza, da realidade possível, a razão procede com a certeza da sua impunidade. O dogmatismo requer a crítica. Sem esta, abandonado a si mesmo, o dogmatismo é tão capaz de chegar a delírios e ao desentendimento quanto à sofística e à superstição. Na *Lógica Jäsche* se pode ler:

As regras e as condições universais para se evitar o erro em geral são: 1) pensar por si mesmo, 2) pensar a si mesmo na posição de outra pessoa, e 3) sempre pensar em concordância com si mesmo. A máxima de pensar por si mesmo pode chamar-se de o *modo esclarecido de pensar*, a máxima de colocar-se na perspectiva de outras pessoas, o *modo alargado de pensar*, e a máxima de sempre pensar de acordo com si mesmo, o *modo conseqüente ou coerente de pensar*.⁵²

Para Jaspers, pelo princípio do “pensamento alargado” é praticável ultrapassar “as condições privadas, subjetivas do juízo”. Dessa maneira, colocar-se na posição dos outros não é somente um exercício moral, mas sim uma maneira de evitar o erro e alargar o pensamento. Ao encarar um problema, o filósofo dogmático não busca compreendê-lo de diversos pontos de vista, nem avaliar a sua importância. Pelo contrário, através do seu desejo de afirmar a sua opinião eterna e definitiva, expressa a vontade de dissolvê-lo, de exorcizá-lo.

Como o conhecimento humano começa a partir do juízo, i.é., do pensamento, nenhuma forma de antidogmatismo poderia sustentar a ausência completa de juízos. Pelo contrário, toda filosofia antidogmática se define em propor uma reflexão sobre a necessidade do juízo e, devido precisamente a essa necessidade, em estimular uma consciência crítica da precipitação e imprudência com que se emitem juízos.

O antidogmatismo kantiano não tem em vista minar a confiança no conhecimento, mas sim, pelo contrário, promovê-la e assegurá-la, ao determinar o

⁵¹ KANT, I Critique of Pure Reason. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 499: A 469 / B497.

⁵² KANT, I. Lectures on Logic. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, pp. 563-64. A 57.

seu domínio seguro e estimular o respeito aos limites do entendimento humano. De acordo com JASPERS,

Kant buscou atuar no mundo como o único lugar acessível ao homem. Ele não se considerava um homem sábio ou um santo situado fora dele. Se ele trabalhou para criar uma escola melhor de filosofia, era no interesse da sabedoria mundana. Ele não tinha desejo de ficar separado; o que ele buscava na filosofia era algo que ajudasse a humanidade, que ajudasse cada homem como homem, a realizar a sua tarefa.

O pensamento não tem valor sem a comunicabilidade. Kant lutou pelo entendimento, pela comunicação, pela paz, mas no movimento da vida. A sua meta não era o contentamento de um animal no pasto, a tranquilidade que corrompe, mas a razão abrangente que conecta todas as potencialidades do homem e as permite desabrochar. Nenhum outro pensador do Esclarecimento chegou a um conceito tão elevado de razão.

Kant estava aberto ao mundo, até em seus aspectos mais remotos. Ele respeitava a inteligência e a estatura humana onde quer que as achasse; “Porque a filosofia pode usar tudo o que um homem letrado ou que um excêntrico visionário fornecem, um filósofo valoriza tudo que demonstra uma certa força da mente. Sobretudo, ele é acostumado a assumir diferentes perspectivas e, porque nunca perde de vista o caráter misterioso do todo, ele desconfia do seu próprio juízo... a filosofia torna o homem humilde, ou melhor, ela o ensina a se medir pela Idéia e não em comparação com os outros.” O sentido de humanidade de Kant o elevava acima de toda a arrogância filosófica, apesar de que a lucidez e o alcance do seu pensamento o fazia perigosamente superior a todos os seus contemporâneos.⁵³

Conversar sozinho, para Kant, é importante para a Ética, uma vez que a lei moral reside na consciência de cada indivíduo, e para o autoconhecimento, mediante a reflexão e a autocrítica. Entretanto, este autoconhecimento deve voltar-se para o mundo, para o reconhecimento das pessoas como livres e dignas de respeito. O monólogo do metafísico dogmático, em contraste, trava-se a partir das suas ilusões e do seu auto-engano. Esse caminho ao hiperfísico, além de ser pobre, é sem saída. Todavia, é “muito atraente e sedutor”⁵⁴. O pensamento pautado ou pelo ser absoluto, ou pelo ser enquanto ser, é ao mesmo tempo tão abrangente quanto é vazio. Não explica nada absolutamente, mas é capaz de saciar a razão ao empregar tão-somente a imaginação. Quem deseja conhecer, e não somente especular, precisa reconhecer os limites do conhecimento, e impor limites às suas próprias investigações para não sair do seu percurso. Esse paradoxo, no entanto, não é um impasse, não é uma aporia, pelo contrário, é uma orientação para caminhar.

⁵³ JASPERS, K. Kant. San Diego: Harcourt Brace & Company, 1962, p. 149.

3.5

Aparência *versus* Coisa em si e Ontologia

A filosofia dogmática, como um todo, busca afirmar teses sobre como as coisas são em si mesmas, em sua existência real, em oposição a como aparecem ou como parecem ser em determinado momento ou situação ⁵⁵. Desse modo, a metafísica tradicional, em particular a ontologia, está voltada para o desvelamento da essência das coisas, do seu fundamento último. Temos em Sexto Empírico e Kant duas contrapropostas igualmente radicais no tocante à pretensão do conhecimento das coisas em si, embora muito distintas entre si.

Primeiramente, o que Sexto e Kant têm em comum. Ambos recusam qualquer acesso, seja sensível ou intelectual, às coisas tal como seriam em si mesmas. Em segundo lugar, pode-se afirmar que a maior diferença entre Sexto e Kant é que, enquanto para o Pirronismo seguir as aparências é um critério para a vida prática ⁵⁶, para Kant o conjunto das aparências é o domínio no qual se pode estabelecer o conhecimento objetivo, i.e., pode ser legitimado, ser confirmado ou refutado pela experiência.

Nesse sentido, embora se possa dizer que a distinção kantiana remete ao ceticismo pirrônico, a direção que Kant a imprime é inteiramente diversa, com vista a um novo campo em que se possa afirmar uma tese, uma teoria positiva. No entanto, o modo como Kant institui esse campo consiste em distinguir rigorosamente o conhecimento legítimo do ilegítimo, sustentando uma ignorância *a priori*, na constituição do próprio sujeito transcendental, que o impossibilita de conhecer a coisa em si.

O filósofo dogmático, em sua busca do conhecimento objetivo, deseja ascender da aparência ao seu fundamento, entretanto, ao fundamento que reside no próprio objeto, na coisa enquanto tal. Kant critica esta pretensão e transforma a busca pelo fundamento do conhecimento objetivo em uma analítica das formas

⁵⁴ KANT, I. *Crítica da Razão Pura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, p. 96: A 63 / B 88.

⁵⁵ “Ninguém, presumivelmente, irá levantar uma controvérsia sobre se uma coisa existente aparece dessa ou daquela maneira, ao contrário, o que eles investigam é se ela é tal como aparece.” SEXTUS EMPIRICUS. *Outlines of Scepticism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000, p. 9. Livro I, XI: 22.

subjetivas da experiência, que dessa forma, não estão para além da aparência, não a transcende, mas estão em relação imanente com ela no domínio da experiência como a sua condição de possibilidade.

É plausível pensar que o compromisso mais determinante da filosofia dogmática é para com uma ontologia, pré-crítica, que pressupõe para as coisas uma existência real, em si mesma, independente da sua relação com o sujeito. Pode-se pensar que a crença em uma coisa em si está realmente tão entranhada na postura dogmática, que a própria possibilidade de uma ontologia, como ciência do ser enquanto ser não é nem mesmo questionada. Kant, entretanto, tem desconfianças quanto à ontologia nesse sentido restrito:

A Analítica Transcendental tem (...) este importante resultado: Que o entendimento não pode jamais realizar nada *a priori* senão antecipar a forma da experiência possível em geral, e, já que o que não é aparência não pode ser um objeto da experiência, ele não pode nunca ultrapassar os limites da sensibilidade, dentro dos quais tão-somente objetos nos são dados. Seus princípios são meramente princípios da exposição das aparências, e o nome orgulhoso de uma ontologia, a qual presume oferecer conhecimentos sintéticos *a priori* das coisas em geral em uma doutrina sistemática (p.ex., o princípio de causalidade), deve abrir caminho para a modesta de uma mera analítica do entendimento puro.⁵⁷

Kant substitui a ontologia como *ciência do ser enquanto ser* pela analítica do entendimento puro, a exposição dos princípios formais pelos quais os objetos da experiência podem ser dados. Pode-se pensar que, para Kant, a ontologia em sentido amplo, como *teoria do real* pode se dar tão-somente em referência ao modo de conhecer humano, ou seja, não pode ser uma ciência do ser enquanto ser, mas do fenômeno enquanto objeto de representação. Para Aristóteles a ontologia é válida para todos os seres; para Kant somente para objetos de uma experiência possível. Mas o domínio dessa ciência é o que define essa própria ciência – se Kant reduz este domínio, não reduz a ontologia, mas, de uma perspectiva inteiramente nova, a transforma.

Há diferenças significativas entre uma ontologia do ser enquanto ser e do objeto da experiência. A que deve ser mais frisada é a distinção de aparência ou fenômenos e coisa em si, que está na própria base da crítica da ontologia tradicional. KANT escreve em uma reflexão da sua fase crítica:

⁵⁶ SEXTUS EMPIRICUS. *Outlines of Scepticism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000, p. 9. Livro I, XI: 21-24.

A ontologia é a ciência das coisas em geral, i.e., da possibilidade do nosso conhecimento das coisas *a priori*, i.e., independentemente da experiência. Não pode nos ensinar nada das coisas em si mesmas, mas somente das condições *a priori* pelas quais podemos conhecer coisas na experiência em geral, i.e., princípios da possibilidade da experiência.⁵⁸

Para KANT, é válido falar em uma ontologia somente na medida em que “o nosso conhecimento *a priori* das coisas” participa constitutivamente da aparência: “Temos falado de ontologia dos conceitos do entendimento o uso dos quais na experiência é possível porque eles próprios tornam a experiência possível.”⁵⁹ Assim, pode-se pensar que a transformação da ontologia em uma “mera analítica do entendimento puro”, na medida em que essa faculdade está inextricavelmente ligada à sensibilidade, não exclui espaço e tempo como formas puras da sensibilidade, pelo contrário, pode-se considerar espaço e tempo fundamentais para a transformação kantiana da ontologia. Espaço, tempo e as categorias do entendimento, como fundamentos da experiência, e esta por sua vez, a qual deve se conformar às formas do sujeito de conhecimento, cobrem para Kant todo o terreno da ontologia, pois essa lida com os “princípios da possibilidade da experiência” e diz respeito unicamente à aparência.

Apesar da novidade da ontologia como “analítica do entendimento”, nota-se nesse empreendimento kantiano uma dupla “operação de resgate”. Por um lado, o resgate da possibilidade de uma ciência *a priori*, não do ser, mas de todo objeto de uma representação possível, e, por outro lado, da possibilidade de assentar teses filosóficas no domínio da experiência - de fato, conhecimento *a priori* -, o qual o pirrônico relega a relatos do seu *pathos*, relatos sem pretensão à verdade nem passíveis de refutação.

Por um lado, Kant corrige a postura irrefletida dos filósofos dogmáticos que, enraizados na crença da coisa em si, procedem a uma ontologia sem nenhuma crítica prévia nem das suas capacidades, nem das possibilidades dessa própria ciência. Por outro lado, no entanto, Kant, ao transformar o objeto da ontologia, a transforma, em seu próprio sentido amplo de teoria do real, a uma analítica de espaço, tempo, e das categorias do entendimento como formas puras do sujeito do

⁵⁷ KANT, I. Critique of Pure Reason. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 345: A 247 / B303.

⁵⁸ KANT, I. Notes and Fragments. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 311: Reflexão 5936.

⁵⁹ KANT, I. Notes and Fragments. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 249: Reflexão 5603.

conhecimento. Desse modo, Kant não reduz a ontologia, mas a transforma por uma ciência nova, que tem um objeto muito reduzido em comparação com aquele da ontologia tradicional.

Como Jaspers assinala, há limites na filosofia de Kant que são os “limites das formas”:

Kant renuncia à riqueza de conteúdo, porque ele deseja conduzir a uma consciência pura das ‘formas’. As formas são superiores à incorporação filosófica porque, se as penso até ao fim, elas me fazem produzir meu pensamento. Elas atuam sobre a minha interioridade não objetiva, a minha liberdade. As formas têm o poder de despertar. Elas formatam o meu pensamento e devem, portanto, ser complementadas pela realidade: pela Existência individual, a investigação científica, pela visão histórica, a contemplação da arte e da poesia.⁶⁰

O pensamento das formas não somente traz limites intrínsecos em si mesmo, mas é capaz de despertar, de colocar em perspectiva o conteúdo contingente da realidade e questionar os “dados” transmitidos pela tradição em continuidade silenciosa com a personalidade individual. O pensamento das formas, no entanto, é um ponto de partida que requer ser “complementado pela realidade”. Sem esse complemento, não é realmente uma propedêutica, e permanece inacabado, pois um estudo preliminar deve estabelecer as conexões a serem desenvolvidas pela investigação da realidade.

⁶⁰ JASPERS, K. Kant. San Diego: Harcourt Brace & Company, 1962, pp. 145-46.